



Civis fogem de casa, em meio ao tiroteio



Carro utilizado como barricada: tensão



Alguns prédios ficaram crivados de balas



Milicianos usam lança-foguetes e fuzil



Membros da Defesa Civil resgatam corpo

LÍBANO / Protesto pelo afastamento de juiz encarregado de investigar explosão em porto acaba em confrontos entre os movimentos xiitas Hezbollah e Amal e as forças cristãs do governo. Centro da capital se torna zona de guerra. Franco-atiradores matam seis e ferem 30

Beirute, a cidade do caos

» RODRIGO CRAVEIRO

Jumanan Zabaneh, 45 anos, estava em seu apartamento, a cerca de 1km da área conhecida com Tayyouneh, próximo ao Palácio da Justiça, no centro de Beirute. Convalescente de uma cirurgia realizada no dia anterior, ela começou a escutar as notícias sobre os confrontos, por volta das 11h (5h em Brasília). “Pude ouvir o som dos tiros, pois moro no sexto andar e também tenho uma boa visão da região central de Beirute. Desci de pijama e de chinelos e corri pelas ruas até chegar à escola das minhas filhas, Tamara, 8 anos, e Leila, 5. Pelo caminho, os tiros aumentavam de intensidade, e escutei cinco explosões”, contou ao *Correio* a gerente de programas da ONU Mulheres em Beirute. Uma manifestação convocada pelos movimentos xiitas Hezbollah e Amal transformou várias áreas da capital em uma zona de guerra, depois que os milicianos entraram em choque com forças do governo. Franco-atiradores disparavam contra a cabeça das pessoas. O confronto deixou seis mortos e cerca de 30 feridos.

O protesto — que exigia o afastamento do juiz Tarek Bitar, responsável pela investigação da explosão no porto de Beirute, em 4 de agosto de 2020 — escalou rapidamente em tensão. Nas redes sociais, um vídeo mostrava um homem tombando na rua, depois de tentar disparar um lança-foguetes, enquanto moradores em pânico registravam as cenas com celulares. Em outra filmagem, vários homens vestidos de preto se protegiam atrás de um muro, enquanto atiravam com fuzis. Nas escolas, crianças traumatizadas aguardavam os pais, amontoadas nos corredores ou encolhidas sob as carteiras, na sala de aula.

Correspondentes da agência

Joseph Eid/AFP



“Eu e meus colegas ajudamos entre 25 e 30 pessoas”

Trabalho para a Defesa Civil de Beirute, na condição de voluntário, desde 1990. Amo a minha pátria e meu povo. Procuo ter lealdade aos nossos princípios da defesa civil, além de um bom treinamento e cooperação entre a equipe. O meu país está triste, e sua capital, Beirute, chora muito. Hoje (ontem), eu e meus colegas ajudamos entre 25 e 30 pessoas. A parte mais difícil foi vermos as lágrimas e o medo no rosto de jovens e de idosos. Muitos dos feridos que socorremos apresentavam sangramentos. Nós transportamos as pessoas da zona mais perigosa, sob a chuva de balas, até um local seguro e sem tiroteios. Não me considero um herói. Apenas faço o meu trabalho. Nesta foto, socorremos uma garota que estava em choque, depois de ter sido separada da irmã. Pouco depois, elas se reencontraram e ela deixou área de Tayyouneh em segurança. Ela estava muito nervosa e não conseguiu pronunciar uma palavra. Mas olhou para nós com gratidão. Sei que vou morrer quando Deus quiser. A vida e a morte não vêm do medo, mas de Deus. As vezes das pessoas são mais altas do que o som das balas.”

Youssef Mallah, 44 anos, voluntário da Defesa Civil de Beirute. Na foto acima, é o segundo da esquerda para a direita. Depoimento concedido ao Correio, por meio do WhatsApp



Arquivo pessoal

France-Presse (AFP) confirmaram que homens armados com braceletes com insígnias do Hezbollah e do Amal revidaram os disparos de franco-atiradores, escondidos no alto dos prédios. Entre os mortos, está uma mulher de 24 anos, atingida por uma bala na cabeça quando estava dentro

da própria casa. Depois de entrar o marido e resgatar os filhos, Jumanan e a família enfrentaram o medo na volta para o apartamento. “Foi muito perigoso. Temíamos ser alvo de uma bala perdida, pois havia muitos tiros na área. Em casa, nos sentamos no corredor. Pela janela, via-

mos a fumaça que se erguia das explosões das bombas. Fizemos as malas e partimos de Beirute. Tamara ainda tem trauma da explosão no porto (que deixou 214 mortos e 6 mil feridos) e recebe tratamento psicológico”, relatou.

Em nota conjunta, o Hezbollah e o Amal acusaram “grupos (cris-

tãos) das Forças Libanesas de se dispersarem nos telhados dos prédios e de atirarem com a intenção de matar”. Também apelaram aos simpatizantes que não se deixem “se arrastar pela discórdia maliciosa”. O presidente libanês, Michel Aoun, fez um pronunciamento em rede nacional de televi-

são no qual mencionou a guerra civil de 1975-1990, quando 120 mil pessoas morreram. “As cenas de hoje (ontem) foram dolorosas e inaceitáveis. Isso nos levou de volta aos dias em que dissemos que jamais esqueceríamos e nunca repetiríamos”, declarou. Aliado cristão do Hezbollah, Aon advertiu que “é inaceitável retornar à linguagem das armas”. “Todos concordamos em virar esta página sombria de nossa história”, acrescentou. O governo libanês decretou luto nacional no dia de hoje.

Para tentar controlar a violência, o Exército foi mobilizado e posicionou tanques nas ruas. Os militares avisaram que responderiam contra qualquer um que abrisse fogo. Moradora de Beirute, a historiadora Joelle Boutros disse ao *Correio* que a situação se acalmou depois da intervenção dos soldados. “Nove homens que participaram dos confrontos foram detidos. Os combates se estenderam por cinco horas. Meus amigos abandonaram suas casas, outros fugiram do trabalho para buscar os filhos na escola”, comentou. Ela admite que convive com o medo de nova guerra civil. “As tensões têm aumentado nas últimas semanas. O xeque Hassan Nasrallah, secretário-geral do Hezbollah, ameaça com a eclosão da guerra, caso o juiz Bitar não seja removido. Mas a guerra no Líbano é uma decisão política. Os partidos no poder decidem quando começá-la e quando encerrá-la”, afirmou.

Os Estados Unidos e a ONU exigiram a redução das tensões. “Nós nos opomos à intimidação e ameaças de violência contra o judiciário de qualquer país, e apoiamos a independência do Judiciário no Líbano”, reagiu o porta-voz do Departamento de Estado americano, Ned Price. Joanna Wronecka, emissária das Nações Unidas no Líbano, exortou “todas as partes a apoiarem a independência da Justiça”.

NORUEGA

Ataque com arco e flecha é investigado como terrorismo

Os vídeos foram gravados em 2017 e traziam a mesma mensagem, em inglês e em norueguês. “Olá, eu sou um mensageiro. Venho com uma advertência. Isso é que você realmente quer? Para todos os que se compensar. É hora. Testifique que sou um muçulmano”, afirma Espen Andersen Bråthen nas imagens. O dinamarquês de 37 anos, morador de Kongsberg, a 80km a sudoeste de Oslo, utilizou um arco e flecha para matar cinco pessoas e ferir duas, no fim da tarde de quarta-feira. A polícia da Noruega trata o incidente como “ato terrorista” e confirma que Bråthen se converteu ao islã. As autoridades chegaram a monitorar o autor dos assassinatos, por temer sua radicalização. Até o fechamento desta edição, não se sabia se ele cometeu o atentado a mando ou sob inspiração de algum grupo terrorista.

O ataque teve início no supermercado Coop Extra, na região oeste de Kongsberg, cidade pacata de 25 mil habitantes. Linda Ostergaard, 42 anos, con-

AFP



Espen Bråthen (acima), 37, matou cinco pessoas em Kongsberg: ataque começou no mercado Coop Extra (D)

Terje Pedersen/AFP



tou ao *Correio* que passava na frente do estabelecimento comercial, acompanhada das duas filhas, de 10 e de 11 anos. “Nós estávamos a uns 10m ou 15m das portas do Coop Extra quando a primeira viatura da polícia chegou ao local. Não vimos o homem com o arco e flecha. Os policiais entraram correndo no mercado, de armas em punho. Na Noruega, a polí-

cia, normalmente, anda desarmada. Eles gritavam: ‘Polícia armada! Largue a arma!’”, relatou. A reação imediata dela foi a de proteger as filhas. “Até aquele momento, a matança não tinha começado”, disse.

Linda revelou que, apesar de nunca ter visto Bråthen, foi alertada sobre o homem. “Eu escutei que ele era uma pessoa instável. Recomendaram que eu

mantivesse distância dele caso o visse”, comentou. A polícia recebeu a primeira chamada de emergência às 18h12 (13h12 em Brasília). Seis minutos depois, os agentes chegaram ao Coop Extra e mantiveram o primeiro contato com Bråthen. O suspeito atirou flechas contra os policiais, deixando um deles ferido. Depois, fugiu e começou a disparar contra civis. O ataque du-

rou 35 minutos. Às 18h35, o autor foi preso depois de matar quatro mulheres e um homem, de idades entre 50 e 70 anos.

As autoridades de Kongsberg identificaram a primeira vítima: a artista de cerâmica Hanne Englund, de cerca de 50 anos. No Facebook, a última publicação dela data da madrugada de 5 de outubro, oito dias antes da tragédia que lhe tirou a vida. Ela postou a foto do gato acompanhada do texto: “Pensei em ir para a cama cedo. Vou perguntar a ele se tenho a permissão”. Um juiz decidirá, hoje, se acata o pedido de prisão provisória do suspeito. A procuradoria da polícia afirmou que ele está sendo submetido a exames psiquiátricos, os quais devem durar meses.

De acordo com a imprensa norueguesa, Bråthen foi alvo de duas condenações no passado: a proibição, no ano passado, de visitar dois familiares depois que ameaçou matar um deles; e outra por roubo e compra de haxixe, em 2012. Uma nação geralmente pacífica, a Noruega

» Eu acho...



Arquivo pessoal

“Kongsberg é uma cidade pequena, onde todos se conhecem. Nunca imaginávamos que isso poderia acontecer aqui. As pessoas estão preocupadas, tristes e em choque. Ainda estamos processando toda essa tragédia. Se foi terrorismo islâmico ou o seja lá o que for... Terroristas não têm lugar em nenhuma religião.”

Linda Ostergaard, 42 anos, moradora de Kongsberg

convive com as lembranças do pior atentado de sua história. Em 22 de julho de 2011, Anders Behring Breivik, um extremista de direita, matou 77 pessoas ao detonar uma bomba no centro de Oslo e ao fuzilar jovens em um acampamento do Partido Trabalhista norueguês, na Iha de Utoya, perto da capital. (RC)